



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6143 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 16 - Relações Étnico-Raciais

### EPISTEMOLOGIAS OUTRAS: RELAÇÕES HORIZONTAIS EM PERSPECTIVA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Fátima Rosane Silveira Souza - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Maria Cristina Graeff Wernz - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

### **EPISTEMOLOGIAS OUTRAS: RELAÇÕES HORIZONTAIS EM PERSPECTIVA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Epistemologias outras sugerem três movimentos: aprender que existem; aprender a ir ao encontro delas; aprender a partir delas e com elas. (SANTOS, 2009, p. 7)

O presente artigo aborda as aprendizagens possíveis a partir da escuta da palavra indígena e o processo de isolamento social.

Epistemologia, palavra feminina, derivada do grego episteme (ciência) e logos (teoria), toma as ciências como objeto de investigação, podendo servir para designar a teoria geral do conhecimento (de natureza filosófica) ou estudos mais restritos, concernente à gênese e à estruturação das ciências, nos diz o Dicionário Básico de Filosofia (2006). “... inicialmente centrada na crítica do conhecimento científico, atualmente a epistemologia tem a ver com a análise das condições de produção e identificação do conhecimento válido, bem como da crença justificada”, nos lembra o sociólogo português Boaventura de Souza Santos (2019, p. 18-19).

Para o intelectual indígena Ailton Krenak e para o professor José Aravena-Reyes (2018), em texto escrito de forma conjunta, o termo “epistemológico” foi utilizado para significar o fundamento da construção de um modo de compreensão instituído para abordar uma dada realidade. As autoras, ao utilizar “epistemologias outras”, neste caso, procuram designar conhecimentos e sabedorias que costumam ficar obscurecidos ou invisíveis, e que não são reconhecidos como válidos pelas epistemologias dominantes. Essas epistemologias outras ficam à margem, ou tangenciando ambientes acadêmicos por refletir diferentes modos de ser e de compreender o mundo. Esta concepção vem tensionando a hegemonia das epistemologias dominantes e dialogando com as epistemologias ameríndias.

Partimos do entendimento de que a humanidade constitui-se a partir de um mosaico de culturas, línguas e saberes, ou um mosaico epistêmico. Não nos parece aceitável uma

concepção de configuração única de modelo epistemológico. Tal configuração pode promover o “epistemicídio”, que é o impedimento do reconhecimento de outras formas de conhecimento, de sabedoria, não redutíveis ao paradigma único, dominante (SANTOS; MENESES, 2009). Considerando que as palavras são potentes para abrir espaços reflexivos ou para reforçar premissas consolidadas por modelos hegemônicos, buscamos produzir um entendimento sobre as diferenças conceituais entre conhecimento e sabedoria, palavras que atravessam nossas buscas. Partimos de construções conceituais formuladas pelo intelectual kanhgág Marcio Katánh Manoel Antonio, professor e acadêmico de Direito, na Unipampa, ao ser provocado a falar sobre a diferença entre conhecimento e sabedoria: “conhecimento é uma determinada área de trabalho ou científica, e sabedoria é vinda de uma determinada cultura, dos usos e costumes, vinda dos anciões e passando de geração para geração” (WERNZ, Diário de Campo, 2020).

Santos (2019), por sua vez, ao falar sobre as epistemologias do Sul, afirma que “conhecimento e saber devem ser entendidos quase como sinônimos, termos que podem ser usados permutavelmente ainda que as diferenças sutis entre eles se manifestem no uso da língua” (p. 20). Entendemos que o distanciamento ou a aproximação entre os sentidos desses dois termos pode também mobilizar pesquisas. Ao aproximá-los, reconhecendo-os como “quase sinônimos”, procuramos ressaltar a horizontalidade observada nos movimentos epistemológicos, na tentativa de produzir um espaço comum, baseado na alteridade, no reconhecimento e na convivência com o ser-outro.

Cruzamentos entre sabedorias e conhecimentos, no momento atual, quando as relações de convivência são alteradas pelo isolamento social ocasionado pela pandemia do coronavírus e pelo movimento de expansão do contágio por ele produzido, nos provocam profundas reflexões.

A palavra pandemia tem sua origem no grego *pandemias*, com o sentido de o povo inteiro ou todo povo. Seu uso acabou se consagrando como qualquer coisa que, concreta ou abstrata, se espalha rapidamente e tem uma grande extensão de alcance. Nestes tempos, usando a pandemia como metáfora, notamos brotar, da mesma forma que o vírus, a repercussão da palavra ameríndia.

É o que observamos, quando nos deparamos, nas diferentes mídias sociais, com a fala de intelectuais e lideranças indígenas de diferentes etnias. No Youtube, no Instagram, na televisão, enfim, houve uma grande ampliação dos espaços de fala e de escuta da palavra ameríndia. Tem sido ouvida de forma bastante potente, suscitando aflorar o interesse por conhecer sobre uma outra forma de estar no mundo e de refletir a respeito. Ou seja, a palavra ameríndia tem sido ampliada no mundo virtual, como uma potência educativa de grande interesse.

Um dos divulgadores da palavra ameríndia, e que tem estado presente nesses espaços midiáticos com grande quantidade de pessoas assistindo, é o intelectual indígena Ailton Krenak. Ailton vive em uma aldeia do povo Krenak, que fica na região do médio rio Doce, interior de Minas Gerais, de onde costuma falar. Na juventude, sua atuação teve um papel

fundamental para o reconhecimento dos direitos dos povos ameríndios na Constituição Brasileira de 1988. Sua figura ficou marcada, quando, no dia 4 de setembro de 1987, diante de inúmeros deputados federais que integravam a Assembleia Nacional Constituinte, em Brasília, fez a Defesa da Emenda Popular da União das Nações Indígenas. Na ocasião, declarou em seu pronunciamento:

O povo indígena tem um jeito de pensar, um jeito de viver, tem condições fundamentais para a sua existência, pela manifestação da sua tradição, da sua vida, da sua cultura, que não coloca em risco, nem nunca colocaram, a existência sequer dos animais que vivem ao redor das terras indígenas, quanto mais de outros seres humanos (KRENAK, 1987).

Com suas palavras, Krenak, intelectual e ambientalista, nos faz pensar sobre como nós, não indígenas, habitamos o mundo. É pensamento corrente que os povos indígenas encontram-se ameaçados de ruptura ou extinção do seu sentido de vida, invisibilizados, à margem de uma sociedade que se ergueu a partir de alicerces do individualismo, da acumulação de bens materiais e de capital financeiro. A ganância vai se naturalizando. E a acumulação de uns se sustenta a partir da submissão e do jugo de outros. Aceitamos que uns tenham mais, tenham muito mais que necessitam, e que outros mal consigam o mínimo para sobreviver, com quase nenhuma dignidade humana.

Sobre essa perspectiva, Vherá Poty, intelectual guarani, que vive, atualmente, em terras indígenas na região litorânea de Santa Catarina, em encontro com estudantes do ensino médio, sobre a vida dos povos indígenas, em 2019, destacou a diferença:

Vou trazer uma questão bem simples. Digamos que eu ganhe mil reais, em um negócio que a gente faz. Eu me senti rico com mil reais. E o que acontece? O que eu posso fazer com mil reais? Na aldeia, a gente sempre faz essa pergunta. Ah, vou comprar comida pra mim! Mas eu tenho comida. Então vou comprar comida para aquelas outras famílias que tão precisando. Uma coisa que eu sempre penso muito e vejo, uma realidade nossa, lá na aldeia. Por que que a cidade é tão rica, rica de grana, de dinheiro, e existe muita gente morando na rua...? Na aldeia, a gente é tão pobre de dinheiro, mas não tem ninguém morando na rua... (SOUZA, 2019, p. 112).

Reflexões como essas têm emergido a partir da situação de isolamento social, vivida nos últimos meses. Esta parada forçada que a maioria dos brasileiros experimentou, acuada pela necessidade de isolamento, tem provocado importantes reflexões a respeito de nossa existência. O planeta Terra - nossa Casa -, pode não suportar tamanha demanda. Krenak nos lembra que “... o vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico, são os povos humanos e seu modo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise” (KRENAK, 2020, p. 7). Enfrentar essas incertezas, lidar com esses medos, têm nos levado a refletir sobre nosso papel nesta existência.

Dada a situação, o que temos a aprender? O que a educação tem a aprender com o vírus? E, nesse contexto, qual o papel da potente voz dos povos originários para nos ajudar a refletir, como humanidade, neste momento de “darse vuelta la tierra”, ou de um novo *Pachakutej*, conforme falam os quéchua, indicando que se produz, de tempos em tempos, mudanças profundas (SARASOLA, 2010)?

Edgar Morin (2011), ao escrever sobre os saberes necessários à educação do futuro, nos lembra que a história é criadora e destrutiva. Diferentemente de um rio que avança de maneira frontal, a história da humanidade se alimenta de desvios, sejam provocados por inovações ou

acidentes. E acrescenta:

Se o desvio não for esmagado, pode, em condições favoráveis proporcionadas geralmente por crises, paralisar a regulação que o freava ou reprimia, para, em seguida, proliferar de modo epidêmico, desenvolver-se, propagar-se e tornar-se tendência poderosa, produzindo uma nova normalidade (MORIN, 2011, p. 71).

O isolamento social vivido é um desvio que nos confronta com as incertezas. E o homem, então, é levado a experimentar outras aventuras, a abrir-se para outras escutas, a prestar a atenção em experiências que se encontravam distantes de seus interesses ou invisíveis de sua cegueira seletiva.

Entre as buscas por respostas, os desvios nos levam a perceber que vivemos em um mundo de existências compartilhadas, como lembra Maffesoli (2009). E sentimos a necessidade de viver uma relação mais horizontalizada homem-homem; homem-natureza, onde caibam saberes/conhecimentos, em movimento de convergência, caracterizados por uma aproximação e por uma abertura recíproca. Passamos a perceber, com mais forma, que a natureza não tem apenas uma existência para ser transformada em bens de capital, mas que ela existe também para nos proteger. Que não há um “meio” ambiente, como nos lembra o cacique Yanomami Davi Kopenawa (2015), mas um ambiente inteiro, uma totalidade que precisa ser respeitada. Mas isso, diz o cacique, precisa ser explicado para os brancos, para eles poderem saber. Saber o quê? Que enquanto a floresta, para o homem branco, é apenas um produto a ser transformado em riqueza, para os povos indígenas, a floresta é a vida, é o sustento de sua existência.

E essa experiência de aprendizagem da perspectiva de horizontalidade, se não for esmagada, como adverte Morin (2011), pode nos ajudar a promover uma nova percepção de mundo, mais integradora, onde se (re)valoriza a vida na sua plenitude, em todas as suas diferentes formas, culturas, saberes, crenças e existências. No caso dos povos ameríndios, é necessário entender que não nos cabe estabelecer modelos de como e onde devem viver, mas de aceitar que queiram viver em suas terras, nas suas florestas, no seu modo de vida tradicional, e que devem ter reconhecidos seus direitos originários.

Santos (2020), ao discorrer sobre a pedagogia do vírus, nos adverte que, embora ela possa ser cruel, tem muito a nos ensinar. A pandemia, nos diz o sociólogo português, é uma alegoria para lembrar que ser humano, a vida humana, é muito frágil, e que está sujeita ao visível e ao invisível. Sobre o visível - povos ditos de supremacia econômica e cultural - criam-se sombras, da mesma forma que em espaços educativos, onde tais sombras existem e são reforçadas pela visão de modelo único de ciência. Nas sombras, estão os invisíveis, os povos “do sul”, das margens, das aldeias, com profunda ligação com natureza, com a mãe Terra. Essa aprendizagem poderia nos inspirar. Este seria o momento oportuno para pensarmos em um modelo de educação que traga valores mais densos, que deem conta da complexidade que é o ser-um e o ser-outro no mundo.

De que aprendizagens estamos falando? Krenak (2020) nos provoca a refletir, quando afirma que a mãe Terra quer ensinar, amorosamente, no advento do vírus:

A nossa mãe, a Terra, nos dá de graça o oxigênio, nos põe para dormir, nos desperta pela manhã, com o sol, deixa os pássaros cantar, as correntezas e as brisas se moverem, cria este mundo maravilhoso para compartilhar. E o que a gente faz com ele? O que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o

filho calar a boca pelo menos por um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa. Filho, silêncio (KRENAK, 2020, p. 9).

Educar, neste caso, remete à origem da palavra, que indica criar, instruir e, por outro lado, aprender. Nesta perspectiva, compreendemos que uma ponte está se estabelecendo entre a educação e os povos indígenas. Estamos diante de uma zona de encontro pedagógico, conduzida pela reflexão do momento vivido, para a qual os povos originários têm muito a dizer e oferecer, e nós, muito a aprender. Ao ouvi-los - e ao ouvir o ensinamento da mãe Terra -, podemos ter a chance de recuperar a visão totalizadora que abandonamos em algum momento da construção antropocêntrica de humanidade. Ao compreender que precisamos aprender, nos movimentando para além das paredes de espaços educativos, na solidão do isolamento e na ampliação da consciência, podemos reconectar com valores fundamentais, como a relação harmônica com a natureza, o cuidado com os seres vivos, o respeito pelos mais velhos.

A pandemia fez evidenciar o grande descaso com a parcela mais frágil da humanidade diante desse vírus: os mais velhos, justamente aqueles que tanto têm a nos ensinar, e que são tão valorizados pelos povos ameríndios. Enquanto a humanidade envelhece, nós seguimos prestigiando a juventude, que é temporária, finita.

Como podemos voltar a nos sentir parte da terra, enraizados em nossa dimensão terrena e planetária (MORIN 2011), se não vemos valor naqueles que viveram antes de nós, ou que já não dispõem do vigor e da virilidade da juventude?

Os brancos se dizem inteligentes. Não somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados (...) nem por isso irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós (KOPENAWA e BRUCE, 2015, p. 75).

Um embate entre paradigmas esgotados, no âmbito da educação e da vida, e novos paradigmas, movimenta a humanidade. Contudo, o que distancia também aproxima, ora luz, ora sombra, e a partir do tensionamento, parece estar se anunciando um momento de ampliação de consciência, gerada também pelo silêncio reflexivo, imposto pela situação de isolamento social. Das palavras gravadas na memória dos ancestrais ameríndios - que paramos para ouvir - constrói-se uma consciência integradora das partes que constituem nossa essência. A partir deste movimento, poderá nascer um mundo onde caibam diversos mundos, onde caibam epistemologias outras, capazes de permitir um (re)encontro com o sentido maior de existência, com a totalidade que nos constitui.

Essa totalidade vai se produzindo a partir de nós mesmos, de nossa escuta atenta, e em diálogos entre as diferentes epistemologias, ocidental e ameríndia, entre autores indígenas e não indígenas. Precisamos aprender com os indígenas a expandir nosso pensamento em todas as direções e se abrir para o outro.

Os povos indígenas, no Brasil, resistem às doenças, à dizimação trazidas pelo contato com os povos colonizadores. Embora tenham sofrido perdas em vidas, em territórios, em línguas e em liberdade, e toda a sorte de preconceito e estigmatização, ainda resistem e persistem na defesa de um modo de vida tradicional e na valorização de suas raízes, história e cosmologia. Temos muito a aprender com essa resistência e com os ensinamentos que as

epistemologias ameríndias generosamente nos legaram. Lembrando o reconhecimento de Santos (2009) em relação às epistemologias outras: elas nos sugerem três movimentos: aprender que existem; aprender a ir ao encontro delas; aprender a partir delas e com elas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Epistemologias ameríndias; Isolamento social.

## REFERÊNCIAS

ARAVENA-REYES, José; KRENAK, Ailton. **O cuidado como base epistemológica da produção técnica do Antropoceno**. *Revista Epistemologias do Sul*, UNILA, Foz do Iguaçu: 2018, p 129-163. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/1178/1013> Acessado em 14 de jun. de 2020.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

KOPENAWA, D.; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu: palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Cia. das Letras, 2015

KRENAK, Ailton. **Índio cidadão?** 1987 (4m09s) Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM\\_Q](https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM_Q) . Acessado em 21 de jun. de 2020.

\_\_\_\_\_. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MORIN, Edgar . **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. UNESCO. Brasília (DF): Cortez, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

\_\_\_\_\_. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020.

SARASOLA, Carlos Martínez. **De manera sagrada y en celebración: identidad, cosmovisión y espiritualidad en los pueblos indígenas**. Buenos Aires: Biblos, 2010.

SOUZA, F. R. S. **A lei n. 11.645/2008 e a experiência formativa de professores na escola - imagens alquímicas da história e da cultura indígena para *unus mundus***. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Educação; Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), 2019.

